



INFÂNCIA DA CRIANÇA INDÍGENA E ALFABETIZAÇÃO: COMPOSIÇÃO CARTOGRÁFICA NA ESCOLA INDÍGENA NUTAJENSU

Rita de Cássia Beck de Oliveira (PPGEDU/UNEMAT) – rita.oliveira@unemat.br
Prof.^a. Dr.^a. Maritza Maciel Castrillon Maldonado (PPGEDU/UNEMAT) - maritza@unemat.br
GT 4: Educação e Povos Indígenas

Resumo:

Apresenta-se a pesquisa, em fase inicial, que visa problematizar os modos de produção da infância da criança indígena no período de alfabetização na escola indígena “Nutajensu” da Terra Indígena Sararé/Paukalijausu, subgrupo “Katitãuhlu”. Pretende-se acompanhar os efeitos da constituição da vida tradicional do povo indígena que a criança traz para a escola e perceber esses efeitos nos modos de operar o currículo escolar. Para tanto, a pesquisa fará análise documental, a fim de compreender as características da escola indígena e as políticas públicas que permeiam essa modalidade de ensino. Essa análise terá inspirações nos estudos arqueogenealógicos desenvolvidos pelo filósofo Francês Michel Foucault. No segundo momento a pesquisa se dará em campo, ou seja, na Escola Indígena “Nutajensu”, utilizando como inspiração metodológica a cartografia de turmas de alfabetização durante o período de novembro/2021 a abril/2022. As análises terão como principais intercessores Abramowicz (2019), Foucault (1977, 1983, 1989, 1999, 2008, 2014), Jorge Larrosa (2019), Jan Masschelein, Maarten Simons (2021), Deleuze (1974,1995), Deleuze e Guattari (1974,1995,1996), Veiga Neto (2001), Fischer (2001), Maldonado (2001,2009, 2013).

Palavras-chave: Infância. Criança. Escola indígena. Alfabetização

1 Introdução

Apresenta-se, neste texto, o projeto de pesquisa, em fase inicial de execução, que tem a intenção de compreender como ocorre a constituição do currículo escolar da alfabetização na aldeia e se esse currículo é movimentado com saberes da comunidade Katitãuhlu. Assim, será possível, acreditamos, compreender como se constitui o escolar em sua fase de alfabetização através da cartografia da escola do Sararé.

Embora as políticas públicas nacional, estadual e municipal apresentem propostas de uma escola diferenciada e específica para as escolas indígenas, a implantação da escola Nutajensu se guiou por modelos e concepções de escolas da sociedade não indígena. A partir dessa compreensão, que é a base da constituição da escola investigada, tem-se a intenção, nesta pesquisa, de problematizar o escolar, compreendendo que, conforme os autores Jan Masschelein e Maarten Simons (2014), no livro “Em defesa da escola” apresenta a função da escola como promotora da suspensão. Questionamos: nossas crianças indígenas precisam, realmente, dessa

característica da educação ocidentalizada, que é a suspensão? Se deixa os saberes, a tradição e a cultura em casa, como acontece a sua subjetivação pela língua da escola? Pensar essas questões nos levará a pensar o currículo e suas seleções, escolhas, para a produção da subjetividade das crianças dessa escola. Temos a intenção, com a pesquisa, de compreender como se movimentam saberes indígenas no contexto escolar da escola da aldeia que possibilita a promoção da autonomia do povo Katitãuhlu.

A partir da experiência com o trabalho em turmas de alfabetização na Escola Indígena “Nutajensu” e do contato intenso com o povo Katitãuhlu desde 1998, que perdura até os dias atuais, surgem inquietações quanto à composição curricular da escola, a constituição da infância indígena, os movimentos que ocorrem em turmas de alfabetização. É justificada nessa inquietação que esta pesquisa pretende problematizar a infância indígena.

2. Desenvolvimento

O grupo Katitãuhlu, do qual as crianças que movimentam esta pesquisa fazem parte, é oriundo do povo Nambiquara do Sararé. Falamos, assim, de crianças vivendo suas infâncias na contemporaneidade. Mas, tratam-se das mesmas crianças e das mesmas infâncias pensadas na narrativa ocidental? Consideramos ser relevante compreender a concepção de infância para o mundo ocidental para que possamos reverberar esse entendimento na concepção de infância indígena para o povo Katitãuhlu.

Portanto Ariés (1986), reportando-se ao modo ocidental de conceber a infância, aponta que

A descoberta da infância começou, sem dúvida, no século XVIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII (p.65).

A abordagem de Tebet (2019) é relevante, nesse contexto também, pois problematiza o sentido da infância no pensamento hegemônico na sociedade ocidental fazendo menção a música de Toquinho “Aquarela” a qual nos instiga a reverberar a infância, a cartografá-la. Portanto aponta que nesse texto, instiga-se a “pensar” com que linhas se produz a infância”. A partir desse questionamento, propõe-se estabelecer algumas bases para uma cartografia da infância e de suas linhas” (TEBET, 2019, p. 135).

Na abordagem de Abramowicz (2011) ao indagar o que é infância compreende-a como experiência.

A idéia de infância carrega possibilidades de contecimentos, inusitados, disruptivo, escape que nos interessa para pensar a diferença. O que se quer dizer é que a experiência da infância não está vinculada unicamente a idade, a cronologia, a uma etapa psicológica ou a uma temporalidade linear, cumulativa e gradativa, já que ligada ao acontecimento; vincula-se a arte, a inventividade, ao imprevisto, ao ocasional, vinculando-se, portanto, a uma des-idade. Dessa forma como experiência, pode também atravessar ou não os adultos (p.34).

É relevante apontar que a pesquisa ainda busca analisar o conceito de “escolar” para o pensamento ocidental e como esse conceito compõe a escola indígena; compreender como se constituem as políticas curriculares para escolas indígenas e seus efeitos na escola Nutajensu; mapear modos de constituição da criança indígena e cartografar como os saberes do povo indígena Katitãuhlu se movimentam nas turmas de alfabetização da escola Nutajensu.

Para o alcance desses objetivos a pesquisa será desenvolvida em dois momentos, com as seguintes metodologias: pesquisa arqueogenealógica e cartográfica.

Na pesquisa arqueogenealógica será elaborada uma análise documental, a fim de compreender as características da escola indígena e as políticas públicas que permeiam essa modalidade de ensino. Essa análise terá inspirações nos estudos arqueogenealógicos desenvolvidos pelo filósofo francês Michel Foucault.

Nessa etapa, é relevante apontar a compreensão do que se entende por metodologia no pensamento Foucaultiano. Para tanto, Veiga-Neto (2009, p.07), ao analisar as obras do filósofo francês, aponta que “não há um solo base externo por onde caminhar, senão que, mais do que o caminho, é o próprio solo sobre o qual repousa esse caminho e que é construído durante o ato de caminhar”. Portanto a metodologia é compreendida como algo real que permite construir, produzir enquanto se caminha na pesquisa.

Relevante apontar que segundo Maldonado (2001. p. 38) Foucault se atribuiu em sua fase arqueológica a missão de enxergar além dos discursos, dos saberes, dos conhecimentos, buscando as condições que possibilitaram a emergência dos mesmos, as relações desses com outras coisas e objetos, suas justaposições, suas diferenças.

Consideramos ainda muito pertinente, nesse primeiro momento da pesquisa, discorrer sobre o conceito de arqueogenealogia, advindo da teoria Foucaultiana, e que segundo Veiga-Neto (2001) comenta, como ocorreu esse entendimento metodológico que partiu da junção da arqueologia com a genealogia.

Dessa forma, a arqueogenealogia em Foucault como metodologia remete a uma busca rigorosa, metódica, incessante de vestígios de relações de saber e poder, que nesta pesquisa constituem a escola indígena ora pesquisada.

Pretende-se, ainda, utilizar os conceitos de práticas discursivas e não discursivas, discursos, enunciados, documentos e monumentos, conceitos esses oriundos do pensamento Foucaultiano.

Discursos, para Foucault, são concebidos como “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (...) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 1986, p. 135).

As práticas discursivas, conceito cunhado por Foucault, são “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 1986, p. 133).

Analisar a Constituição Federal de 1988, que instaura mudanças significativas para a instituição da escola indígena; a Lei de Diretrizes de Bases (Brasil, 1996); o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas -RCNEI (Brasil, 1998); e Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNEI (Brasil, 1999 e de 2012) são fundamentais nesse processo. Todos esses documentos são relevantes para compreender as orientações que legalizam o funcionamento bem como as características que essas escolas devem priorizar.

Em relação ao conceito de práticas não discursivas, Fisher (2001) elucida que “em outras palavras, as práticas não discursivas são também parte do discurso, à medida que identificam tipos e níveis de discurso, definindo regras que ele de algum modo atualiza” (p. 21). Assim, na fase documental da pesquisa, analisaremos discursos que constituem a infância, a criança e a escola indígena, procurando as relações de saber e poder que compõem esses discursos, enaltecendo práticas discursivas e não discursivas ali presentes.

A pesquisa cartográfica se dará em campo, ou seja, na Escola Indígena “Nutajensu”, procurando acompanhar e compor linhas de subjetivação nas aulas das turmas de alfabetização do povo Katitãuhlu durante o período de novembro/2021 a

abril/2022. Durante esse processo serão organizadas essas cartografias das aulas, ministradas ora por professor indígena, ora por professor não indígena. A partir desse contato, pretende-se acompanhar os movimentos das crianças e seus saberes tradicionais; movimentos das famílias na escola; movimentos das práticas curriculares; movimentos dos professores indígena e não indígenas.

Vale ressaltar que fazer cartografia para Deleuze e Guattari (1996, p.21) é “a arte de construir um mapa sempre inacabado, aberto, composto de diferentes linhas”. Para tanto, essa é a intenção nesta pesquisa, buscar essas linhas, compor mapas inacabados das construções subjetivas da escola indígena Nutajensu em turmas de alfabetização.

A cartografia, segundo Deleuze; Guattari (1995) possui várias analogias, o que esclarece também a dinamicidade dessa ferramenta de trabalho, porque o

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. [...] Um mapa é uma questão de performance. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

Em *Lógica do Sentido*, Deleuze relata e pondera sobre o que é cartografia nos remetendo a compreender os movimentos que a cartografia propicia no campo observado.

O sentido aparece e atua na superfície, pelo menos se soubermos convenientemente, de maneira a formar letras de poeira ou como um vapor sobre o vidro em que o dedo pode escrever [...] O filósofo não é mais o ser das cavernas, nem a alma ou o pássaro de Platão, mas o animal chato das superfícies, o carrapato, o piolho (DELEUZE, 1974).

Percebe-se tais movimentos da cartografia na pesquisa com crianças ribeirinhas-pantaneiras, realizada por Maldonado (2009, p.30).

Quando iniciei esta pesquisa, estava afetada por afetos tristes. Acreditava que a pesquisa somente seria válida se contasse com questionários, tabelas, gráficos, dados, análises quantitativas e qualitativas, etc., no entanto, após o primeiro contato com as crianças da Campina, percebi que nada daquilo que havia preparado serviria para conviver naquela realidade. No momento em que Ana disse que o pé de laranjinha seria um lugar bom para conversar, percebi que a minha “segurança” teórico-metodológica tinha balançado, assim como o tronco da árvore, em que nos sentamos, e que se movia à medida que as crianças subiam nos galhos.

Para a realização da pesquisa cartográfica, nos colocaremos “entre” os acontecimentos, acompanhando os movimentos e sentindo, no corpo, os efeitos dos

mesmos. Esses efeitos serão narrados em um caderno de campo e, a partir deles, conversaremos com crianças e professores para compreendermos questões que problematizamos na realidade. Gravaremos conversas com as crianças e os professores, além de utilizarmos da fotografia como recurso para apresentar sentidos outros da realidade pesquisada a realização dessa cartografia na sala de alfabetização da Escola indígena “Nutajensu”, os movimentos sentidos nos encontros serão organizados e analisados tendo como intercessores os pensadores Abramowicz (2011,2019) Foucault (1986), Jorge Larrosa (2019), Jan Masschelein, Maarten Simons (2014), Deleuze (1974,1995); Deleuze e Guattari (1974,1995,1996), Veiga-Neto (2001), Fischer (2001), Maldonado (2001,2009) problematizando essa escola, buscando elogiá-la na constituição dos sujeitos indígenas da escola referenciada, entre outros autores necessários à pesquisa.

Portanto, a pesquisa permitirá estabelecer e provocar novas conexões, bem como outros agenciamentos.

Dessa forma, acreditamos que a cartografia dos espaços-tempos da sala de alfabetização permitirá perceber como ocorre o processo de subjetivação da criança indígena. Oportunizará conhecer como a Experiência Coletiva, tradicional, da criança indígena movimenta o currículo e constitui subjetividade.

3. Considerações

O projeto de pesquisa apresentado será de grande relevância para a mestranda, bem como para o professor indígena, a criança indígena, haja vista as reconstruções e desconstruções que serão possíveis de ocorrer durante o tempo da pesquisa. Possibilitará construções de conhecimento, compreensão dos modos de subjetivação da criança e do professor índio ao compreender as composições e os movimentos do currículo escolar em turmas de alfabetização. Nesse sentido, é possível problematizar e reverberar sentidos, e proporcionar devires outros no cotidiano escolar.

Além disso, buscaremos problematizar o que seja o escolar, a infância, o currículo, entendendo que podem ocorrer maneiras outras de visualização além das que encontramos em documentos oficiais.

A proposta desse projeto tem a intenção de compreender como ocorre a constituição do currículo escolar da alfabetização na aldeia e se esse currículo se movimenta a partir de saberes da comunidade Katitãuhlu.

Assim, será possível, acreditamos, compreender como se constitui o escolar em sua fase de alfabetização através da cartografia da escola do Sararé.

A pretensão, portanto, da pesquisa, é problematizar modos hegemônicos de conceber escolas, crianças, infâncias, currículos, apresentando maneiras outras de ser, estar; apresentando possibilidades outras de ver, estar e sentir o mundo. Isso permeia contextos de vida não hegemônicos e que se abre possibilidades de reverberar outros conceitos, outros pensamentos sobre infância indígena compondo, cartografando os movimentos dessa infância, desses currículos os quais são desconhecidos para uma grande parte da população não indígena.

Propõe-se, dessa forma, depois das investigações, lançar futuras problematizações e possíveis resultados ao público acadêmico.

4. Referências

ABRAMOWICZ, Anete; Gabriela Tebet (Organizadoras) **Infância e pós-estruturalismo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

ABRAMOWICZ, Anete. **A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância**. In: Faria, Ana Lúcia Goulart de; Finco, Daniela (org.). *Sociologia da infância no Brasil*. Campinas: Autores Associados. 2011.

ARIÉS, Philippe, **História social da criança e da família**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Guanabara, 1986.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, v.1. 1995.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio (et. al). Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1996.

DELEUZE, G. (1968) **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FISCHER, R.M.B. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 197-223, novembro/ 2001.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1986.

MALDONADO, Maritza M. C. **Espaço pantaneiro: cenário de subjetivação da criança ribeirinha**. Tese (Doutorado em Educação) – UFF. Niterói-RJ, 2009.

MALDONADO, Maritza M. C. **A ordem do discurso da educação ambiental**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades**. Cadernos de Educação. FaE/PPGE/UFPEl. Pelotas [34]: 83 - 94, setembro/dezembro 2009.